



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CAMPUS DE SÃO CRISTÓVÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
Cidade Universitária Prof. José Aloísio de Campos
Jardim Rosa Elze s/n - São Cristóvão (SE) CEP 49.100-00

A MAGIA ENTRE OS CRISTÃOS-NOVOS

SÃO CRISTOVÃO/SE

2015

NILTON BRUNO FEITOSA SANTANA

A MAGIA ENTRE OS CRISTÃOS-NOVOS

Artigo científico apresentado para a disciplina:
Prática de Pesquisa Histórica, sob orientação
da Prof. Dr. Marcos Silva

SÃO CRISTOVÃO/SE

2015

SUMÁRIO

1. Introdução.....	5
2. A Cabala.....	6
2.1 O Cristão-Novo e a Cabala	7
3. A Inquisição	7
4. O Caso emblemático de João Baptista Laroca	9
4.1 João Baptista Laroca: o conteúdo das denúncias	12
5. Padre Antônio Pimentel Freire	15
6. Felipe Cerveira	18
6.1 A Cabala no exílio e sua implicação no caso de Felipe Cerveira	20
7. Considerações Finais.....	25
Referências	26

A MAGIA ENTRE OS CRISTÃOS-NOVOS

*Nilton Bruno Feitosa Santana*¹

RESUMO: A Cabala, prática mística judaica nascida na Idade Média que suscitou interesse das mentes mais brilhantes do renascimento, fazendo-se presente dentre os judeus e os gentios vai estar presente também no meio cristão-novo judaizante. A pretensão dessa pesquisa visa evidenciar que mesmo os judeus tendo sido expulsos e forçados a se converter ao catolicismo na Espanha (1492) e, posteriormente, em Portugal (1496), seus descendentes, os cristãos-novos, desenvolveram um tipo novo de judaísmo em meio a perseguição, no qual a Cabala fez-se cada vez mais atuante. A Cabala que acabou sendo denominada pela Inquisição como mera feitiçaria, era propagada pelos cristãos-novos dentro do seu criptojudáismo, um judaísmo escondido, secreto, no qual a Cabala foi tomando formatos diferentes, para que sobrevivesse a perseguição. Os processos estudados demonstram que embora fossem condenadas pela Santa Inquisição, rituais místicos foram amplamente praticados na Península Ibérica. Indivíduos de diferentes crenças e classes sociais, praticantes da Cabala, foram essenciais para a resistência da cultura cristã-nova judaizante.

PALAVRAS-CHAVE: Cristãos-novos, Cabala, Inquisição, Criptojudáismo.

Abstract: Kabbalah, the Jewish mystical practice born in the Middle Ages that has raised interest of the brightest minds of the Renaissance, being present among Jews and Gentiles will also be present in the New Christian means Judaizing. The intention of this research aims to highlight that even the Jews have been expelled and forced to convert to Catholicism in Spain (1492) and later in Portugal (1496), his descendants, the New Christians, developed a new type of Judaism in the midst of persecution, in which the Kabbalah became increasingly active. Kabbalah which was eventually called by the Inquisition as mere witchcraft, was propagated by the New Christians within your Crypto, a hidden Judaism, secret, in which Kabbalah was taking different formats, so you survived persecution. The cases studied show that although they were condemned by the Inquisition, mystical rituals were widely practiced in the Iberian Peninsula. Individuals of different faiths and social classes, the Kabbalah practitioners, were essential to the strength of the New Christian Judaizing culture.

KEYWORDS: New Christians, Kabbalah, Inquisition, Crypto.

¹Graduando do Curso de História Licenciatura da Universidade Federal de Sergipe, e Bolsista PIBIC (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Científica - CAPES-UFS), sob a orientação do Prof. Dr. Marcos Silva (DHI/UFS). Email para contato: nbrunofs@yahoo.com.br

1. Introdução

Dia 2 de Dezembro de 1641. É encerrado nos cárceres do Santo Ofício da Inquisição um frei da Ordem de São Bento de Avis. Em seu processo há o relato de envolvimento de personalidades nobres em rituais de feitiçaria.

O presente artigo pretende explorar um assunto pouco abordado nos estudos sobre os cristãos-novos. A mística judaica, a Cabala desenvolvida em terras ibéricas, vem comprovar sua presença no meio cristão-novo e o papel que protagonizou em Portugal e na Espanha. Por meio de pequenos indícios pretendo explicar como a magia praticada por cristãos-novos chegou do cidadão simples e plebeu às mais altas cortes ibéricas. Como um criptojudaísmo resistente acabou por adentrar também em meios cristãos-velhos, e penetrar todas as camadas da sociedade portuguesa, tanto da metrópole quanto de suas possessões ultramarinas.

Autores de significativo renome escreveram acerca dos cristãos-novos, que são os perseguidos pela Inquisição e herdeiros dos judeus forçados a conversão pelos reis da Espanha e de Portugal. O fenômeno cristão-novo foi estudado com seriedade e competência por historiadores que deram imensurável contribuição sobre o assunto. Acabaram contribuindo para a compreensão do papel do cristão-novo na sociedade ibérica, e em especial em Portugal e na sua colônia americana. Conseguimos compreender o que o cristão-novo era, e a tensão produzida pelo Santo Ofício da Inquisição. No entanto, ainda não foi abordado o papel que a mística judaica desempenhou no meio cristão-novo e na sociedade portuguesa e espanhola. Longe de dar um panorama completo sobre o que foi a mística judaica durante as perseguições da Inquisição, é apresentado aqui as evidências da sua existência no meio criptojudeu.

Será apresentado primeiro o que foi a mística judaica, em que ela consiste e o seu surgimento. Logo após serão analisadas três personalidades cristãs-novas. O primeiro é o emblemático caso de João Baptista Laroca ou Rocaforte em que se denuncia aos inquisidores um ritual reconhecidamente cabalístico, onde a mística judaica, ou seja, a Cabala transparece com maior nitidez. O segundo será o Frei António Pimentel e sua relação com a alta corte portuguesa na época da Restauração. E por fim, o terceiro processo será o de Felipe Cerveira, cavaleiro pertencente a nobreza que revela seu messianismo judaico aliado à feitiçaria. No decorrer da pesquisa poderão ser apresentados outros processos, no entanto, não serão essenciais para o desenvolvimento dos argumentos que demonstram indícios da percepção do

artigo. Somente será aprofundado a análise nos processos onde a presença da Cabala foi no mínimo emblemático.

2. A Cabala

O termo Cabala é usado para se referir à mística judaica, acertadamente a suas tradições esotéricas. Mas, como revela Roland Goetschel: “é conveniente esclarecer-se que, na linguagem talmúdica, *Qabballah* significa simplesmente “tradição” e designa os textos proféticos e hagiográficos da Bíblia.” (GOETSCHEL, 2010, p.7). O termo começa a ser usado com um significado esotérico somente na Idade Média, na Provença, uma região que compreende o sul da França banhada pelo Mar Mediterrâneo.

A Cabala esteve presente na Península Ibérica durante séculos sendo estudado por Rabinos da cidade de Gerona, na Catalunha. Isso aconteceu porque as comunidades judaicas da Catalunha se relacionavam constantemente com as da Provença e do Languedoc, local onde a Cabala surgiu como a conhecemos hoje, sendo um saber místico organizado (GOETSCHEL, 2010). A Provença e o Languedoc eram duas regiões ao norte dos Pirineus que tinham desenvolvido especulações de natureza teosófica. De Gerona a Cabala se propagou por toda Espanha e Portugal em pleno século XIII. E também foi onde teve os seus adeptos mais afamados como Abraão Abulafia, Moisés de Léon e Nachmanides. As sinagogas portuguesas também foram influenciadas por essa verdadeira “onda cabalística” que banhava a Península, principalmente, quando ocorreu a Diáspora judaica na Espanha que uma grande parcela da sua população buscou refúgio em Portugal.

Vale ressaltar que existem dois tipos de magia no meio ocultista. A baixa magia que é aquela utilizada em sortilégios, que são os feitiços de amor, os feitiços para se conseguir dinheiro, para pedir que uma pessoa tenha acontecimentos desastrosos ou de grande felicidade em sua vida. Chamada assim porque visa atender aos anseios terrenos, desejos que visam a plena satisfação nessa Terra sem esperar por uma realidade vindoura. E a alta magia que visa por meio de estudos e meditação atingir a união com Deus (Clavícula de Salomão, 2006). Nessa outra os assuntos tratados buscam uma recompensa divina, em uma realidade extrafísica e tem como temas: a origem humana e do universo, a missão individual, uma realidade invisível e o conhecimento seria uma das maneiras de se alcançar o céu. A Cabala enquadra-se na alta magia. Mas saliento que tanto a baixa magia quanto a alta magia faziam parte da prática dos cristãos-novos judaizantes.

A experiência do exílio foi marcante no desenvolvimento da Cabala. Existiram dois exílios que marcaram o pensamento cabalista. O primeiro seria o exílio ocorrido no século I que alimentou o desejo de fazer os judeus voltarem em grande número para a Judéia. O segundo seria a expulsão da Península Ibérica que impactou a história da Cabala. A partir dessa segunda Diáspora os judeus acabaram se espalhando por toda a bacia do mediterrâneo e desenvolveram a Cabala principalmente em Safed. A Cabala praticada pelos judeus na Diáspora Mediterrânea nos é bem conhecida, porém, aquela praticada entre os descendentes de judeus que ficaram por não terem como emigrar de Portugal e Espanha foi quase relegada ao esquecimento historiográfico. A Cabala acabou se desenvolvendo em meios cristãos-novos, dentre aqueles que permaneceram nos domínios dos Reinos Ibéricos.

2.1 O Cristão-Novo e a Cabala

A expulsão dos judeus da Espanha pelos Reis Católicos em 1492 provocou uma drástica mudança da essência e do lugar da Cabala no mundo judaico. Se antes era um conhecimento legado a grupos muito reclusos, a partir de então passou a ser disseminado para um público de número cada vez mais abrangente. (GOETSCHEL, 2010, p.98). Ocorreu um aumento do misticismo judaico e do messianismo nas classes populares como uma esperança para o tormento que passariam a vivenciar. Os exilados da Espanha passaram a divulgar a Cabala em todo lugar em que chegaram, e com isso, imigraram para Safed, na Galiléia, onde formou-se um círculo de mestres cabalísticos influentes, dentre eles Moisés Cordovero e Isaac Luria, este último veio a modificar o pensamento religioso da posteridade. (GOETSCHEL, 2010) Safed foi a capital da Cabala depois da expulsão dos judeus da Espanha e Portugal. Lá não apenas comentavam-se os escritos sagrados antigos mas também faziam-se novos livros e criavam-se novas interpretações. Safed desempenharia a mesma função que a cidade de Gerona desempenhou, a de Centro dos grandes cabalistas de sua época.

3. A Inquisição

Em 1536 foi autorizada a instalação de um Tribunal do Santo Ofício em Lisboa, com três inquisidores nomeados pelo Papa e um pelo rei, sendo instalados três tribunais, eram eles: Lisboa, Évora e Coimbra. O Santo Ofício de Lisboa estendia sua jurisdição até ao Brasil (SIQUEIRA, 1978). No século XVII quando ocorreu a unificação dos Reinos da Espanha e

Portugal, a perseguição tornou-se ainda mais ferrenha, pois, sob a liderança da nobreza espanhola a ação da Inquisição tornou-se muito mais inflexível e sem contar com o aumento da liberdade que detinha dentro do Reino para fazer suas investigações. (NOVINSKY, 1992) Aos perseguidos não era concedido o direito de saber o nome do acusador e nem saber o porquê de estarem sendo acusados, não tinham direito a defesa e bastava apenas duas testemunhas como prova. Mas, no entanto, os mesmos podiam dizer o nome de seus inimigos para uma investigação do Santo Ofício. O Tribunal do Santo Ofício investigava, julgava e punia ao seu modo. (SIQUEIRA, 1978).

A partir de 1536 a sanha inquisitorial em Portugal teve seu início. A condição de cristão-novo não implica na crença de criptojudeu², isto é, seguidor secreto do judaísmo. Mas em um estigma social promovido pelos estatutos de pureza de Sangue. Tendo em consideração que a Inquisição sobrevivia dos confiscos de bens materiais de seus réus, podemos chegar à conclusão que necessitava da solidariedade do cristão-velho para continuar a ter acusados. E esta solidariedade é conseguida através do sentimento de prestígio que o Santo Ofício lhe concede. Tal prestígio é baseado no mito do sangue puro, que pouco a pouco, serviu de ideologia para a massa identificar-se com os nobres e honrados e ver os descendentes de judeus como inimigos comuns ao Reino. (NOVINSKY, 1992).

Denominados de “estatutos de sangue”, sua origem nota-se primeiramente da aristocracia e tem um caráter eminentemente social e não possui cunho religioso. Consiste na adoção da idéia do sangue puro ibérico e da sua exaltação como sangue nobre, sangue de alta estirpe. Eram considerados “impuros” todos aqueles que tivessem sangue judeu, mouro ou negro e algumas instituições os excluía de seus quadros quando adotavam os padrões de pureza de sangue. Esses estatutos tornaram-se o primeiro modelo de racismo organizado na história da humanidade, mesmo 400 (quatrocentos) anos depois as mesmas normas técnicas seriam utilizadas pelos nazistas para classificar todos aqueles que tinham sangue impuro. O mito da pureza de sangue não foi criação da Inquisição, nem foi sua invenção a discriminação contra os cristãos-novos. Mas vale ressaltar que os inquisidores fortaleceram o conceito do mito de honra explicado pelo sangue puro, em outras palavras, os inquisidores chegaram a endossar o mito da pureza de sangue criado pela nobreza ibérica. (NOVINSKY, 1992)

²O termo criptojudeu refere-se ao cristão-novo que continuou com as práticas judaicas mesmo após a conversão forçada. Neste artigo os termos cristão-novo, criptojudeu, marrano ou *anussim* serão usados para referir-se ao mesmo personagem histórico, o judeu forçado a se converter ao catolicismo e seus descendentes.

O mito de Pureza de Sangue causou um temor entre os cristãos-novos e dentre os portugueses que não tinham a certeza da “pureza” de sua descendência. O medo era tão generalizado que algumas pessoas fingiram ser comissárias ou familiares do Santo Ofício. Foi o Caso de Januário de São Pedro que atuou como falso comissário do Santo Ofício e depois como familiar causando pânico nos sertões de Sergipe e Pernambuco, sendo condenado pela infame conduta em 1744. Podemos notar que os cristãos-novos adentraram ao sertão do atual nordeste brasileiro (MARCOCCI; PAIVA, 2013). Podemos ver com esse exemplo como o mito do Sangue Puro legitimou ainda mais a ação inquisitorial. As ações do Santo Ofício tinham acima de tudo um caráter social.

A Inquisição era vista como instrumento de ascensão e distinção social eficaz. O envolvimento dos cristãos-velhos com a inquisição visava reforçar o pacto de coesão entre a Coroa portuguesa e seus súditos e a uniformização dos costumes nacionais. Permitir que a população adentre ao Santo Ofício integrando a instituição foi uma arma eficaz para solidificar a sua presença no mundo português (MARCOCCI; PAIVA, 2013).

4. O Caso emblemático de João Baptista Laroca

Um criptojudeu vindo de um país distante chega a Portugal, era artilheiro de navio e conhecedor de diversos idiomas, seu nome é João Baptista Laroca, e em suas posses carrega um manuscrito que lhe acarretaria grandes problemas com o Tribunal do Santo Ofício da Inquisição. Porém, seria o processo mais rico até então encontrado acerca da Cabala entre os criptojudeus.

João Baptista Laroca foi acusado pelo padre Miguel Mileti e por Caetano Barrilaso de ser judeu e fugitivo dos cárceres da Inquisição na Ilha de Ceuta. A denúncia foi feita em Maio de 1724, e um deles, Caetano Barrilaso, segundo denunciante, foi capaz de descrever com detalhes a João Baptista Laroca: "Representa ter trinta e quatro annos, alto de corpo, magro, feio de rosto e negro, barba negra, cabello preto e comprido, mal vestido."³

Chama a atenção a ênfase constante à sua ocupação. Via de regra ele foi descrito como sendo “artilheiro” em um veleiro que viajava para a ilha de Córsega. Quando o próprio João Baptista Laroca foi interrogado na sessão de Genealogia, ele pôde esclarecer que trabalhava

³Processo de João Baptista Laroca - 20/05/1724 - 30/10/1724 - PT-TT-TSO/IL/28/3319.

nos navios da “Companhia de Córsega”. A esse respeito, uma informação importante aparece na denúncia do padre Miguel Mileti. Ele afirmou que João Baptista Laroca era “contratador” em um Navio para a ilha de Córsega, que era possessão insular da Cidade de Gênova.

A cidade de Gênova foi administrada durante os tempos modernos pela *Casa de San Giorgio* (1407-1805), banco controlado pelas famílias genovesas Grimaldi e Serra e que, segundo Fernand Braudel, “foi o organismo de crédito mais aperfeiçoado que a Idade Média conheceu”. (BRAUDEL, 1995: 359) e era proprietária da Companhia da Córsega na qual o denunciado trabalhava.

A poderosa *Casa de San Giorgio*⁴ que surgiu em 1407, servindo para um maior controle das finanças públicas por credores das ricas famílias da cidade. Seu capital era dividido em ações denominando os acionistas como *collonanti*, por conta de suas ações serem anotadas em colunas de forma escritural. Foi confiada à Casa de San Giorgio a arrecadação de impostos em Gênova. O banco emprestou parte dos seus fundos ao governo e recebeu em troca propriedades na Ligúria, na Ilha de Córsega, no Mar Negro e no Mar Mediterrâneo. Gênova, por sua vez “a primeira cidade financeira do Mundo”⁵, fez uma aliança celebrada com a Espanha em 1528 e conseguiu transformar o século XVI, no “século de Gênova”, onde a sua riqueza tornou-se mais sólida. No século XVII, o Banco se envolveu no comércio marítimo, competindo com as duas principais Companhias das Índias Orientais, a Holandesa e a Inglesa.

Percebe-se então que João Baptista Laroca, empregado como artilheiro e “contratador” da Companhia da ilha de Córsega, segundo a versão dos denunciantes, trabalhava para uma das instituições financeiras mais poderosas da época Moderna, controladora da cidade de Gênova, e que emprestava dinheiro aos principais monarcas da Europa. Tal fato pode ter mudado o curso da sua trajetória dentro do caso inquisitorial. Podendo esse fato ter interferido no andamento do processo movido contra João Baptista Laroca em função das denúncias feitas pelos dois sicilianos, aparentemente xenófobos, Miguel Mileti e Caetano Barrilaso.

Para entender os bastidores da denúncia que os dois sicilianos fizeram contra o piemontês é necessário levar em consideração as especificidades e diferenças entre essas regiões. Historicamente, a relação dos estados italianos do norte com os judeus foi bastante diferente da relação que os territórios do sul mantinham. A partir da formação do Reino das

⁴DURANT, Will. *A História da Civilização V - A Renascença*. Tradução de Mamede de Sousa Freitas. Rio de Janeiro: Record, 2002.

⁵MORRISON, Cécile. *Cruzadas*. Tradução de Willian Lagos. 1ª Edição. Porto Alegre: Editora L&PM, 2009.

Duas Sicílias, em 1442, a região esteve sob domínio Espanhol. Até que o Tratado de Utrecht, em 1713, determinou que a Sicília deixasse de pertencer à Espanha e passasse ao domínio do Piemonte, região na qual João Baptista Laroca havia nascido. As denúncias poderiam ter sido motivadas por um preconceito xenófobo e pelo antissemitismo. Existem motivos para conjecturar-se que os sentimentos que moveram os dois principais denunciante contra João Baptista Laroca extrapolavam o preconceito contra os de origem judaica, cultivado nas regiões sob domínio espanhol. Provavelmente, os denunciante também se moviam por questões da política de sua terra natal, a Sicília, numa espécie de vingança xenófoba. Diante dessa realidade, o fato dos principais denunciante serem de uma região recém-saída do domínio da Espanha, a “ponta-de-lança da Contra-Reforma”, e agora submetida ao domínio do Piemonte, terra do delatado, não pode ser ignorado (BURCKHARDT, 2009:114).

Contrariando esse perfil de João Baptista Laroca como um judeu profissionalmente definido desenhado pelos sicilianos, um genovês por nome Desiderio de Vecchio, comerciante de vinho e morador do mesmo Beco das Tábuas na Freguesia de São Paulo, em Lisboa, referido no processo pelo acusado e convocado a depor pelo Santo Ofício, traçou um perfil do acusado bastante distinto.

Além disso, por meio da sessão de Genealogia, realizada em 24 de Outubro de 1724, é possível descobrir a representação que o próprio João Baptista Laroca apresentou de si ao Tribunal. Seu sobrenome seria “Rocaforte”, solteiro, que vivia de seu trabalho de artilheiro nos navios da Companhia da Córsega. Natural de Murialdo, marquesado da Casa do Principado de Piemonte, há época em que foi delatado ao Tribunal do Santo Ofício estava com trinta e quatro anos de idade e declarou-se filho de João Agostinho, lavrador, e de Maria Margarida, de Gênova.

Um aspecto importantíssimo diz respeito à sua religião. Disse ser cristão batizado e crismado. Ao ser mandado dizer a “doutrina cristã”, recitou o “Padre Nosso”, a “Ave Maria”, o “Credo”, o “Salve Rainha”, e os mandamentos da igreja. Um detalhe não desprezível: afirmou saber as línguas italiana, francesa, castelhana e portuguesa, e não saber o latim. Língua em que o manuscrito se encontra.

A primeira diferença interessante diz respeito ao sobrenome do acusado. Em vez de chamar-se “Laroca”, o próprio acusado e o depoente genovês, Desiderio de Vecchio, o identificam com o sobrenome “Rocaforte”. Esse último afirmou também que o investigado era “Apostólico Romano”, confirmando a auto identificação de João Baptista e, quando perguntado se vira o acusado praticar alguma ação diferente dos atos cristãos, mencionou apenas a posse de uns papéis que apresentavam umas rodas, “escritos na língua latina,

hebraico ou grego”, que o mesmo tencionava vender a um clérigo por três ou quatro moedas. Acrescentou, porém, que ouvira o acusado "repetir as palavras que continham os ditos papéis". Como conciliar essa informação com a afirmação do denunciado a respeito de seu desconhecimento do latim? Sem sombra de dúvida o réu afim de escapar de uma condenação mais severa não mencionaria o conhecimento acerca do latim.

O fato é que Desiderio de Vecchio guardava relação de proximidade com o acusado e mencionou em depoimento que o acolhera em sua casa como por esmola porque João Baptista Rocaforte era tão pobre que não tinha como lhe pagar a dita assistência. Nisso ficou seu depoimento. Muito diferente do perfil traçado nas denúncias dos dois sicilianos.

No decorrer do processo o réu foi escutado, assim como os seus denunciantes. O Livro que estava em suas posses, o *Clavícula Salomonis*, estava sendo analisado pelos inquisidores e agora servia para o acusar. Para escapar das acusações de feitiçaria disse que estava tentando vender o livro, utilizando-o somente para fins comerciais e não no intento de fazer rituais para se comunicar com forças sobrenaturais. Afirmou que não havia seis meses encontrara no Reino de Múrcia um estrangeiro, “de nação”, chamado Caetano o qual “tratou com familiaridade de amigo”. E que este estrangeiro havia lhe mostrado um livro de aproximadamente vinte folhas chamado *Clavícula Salomonis*, escrito em latim. E o dito homem explicou onde ficava cada nota, os círculos e as figuras que representavam os astros.

Em 26 de Outubro o réu foi chamado pelo inquisidor Phelipe Marciel para um exame de consciência. Desta vez João Baptista Rocaforte concordou com tudo o que dissera o Santo Ofício a respeito da fé Católica e dos pecados que havia cometido. No dia trinta do mesmo mês assinou o Termo de Segredo. Foi solto pela Inquisição após admitir suas culpas, porém, sem nenhuma penitência, a não ser pagar as custas do processo.

4.1 João Baptista Laroca: o conteúdo das denúncias

Além dos precedentes, de ser fugitivo do degredo em Ceuta e haver se declarado judeu, os denunciantes acrescentaram uma informação que se tornou o principal aspecto investigado pelo Tribunal do Santo Ofício no processo instaurado contra João Baptista Laroca (Rocaforte): O réu afirmara que possuía um livro intitulado “Carcanho de Adamo”, o qual continha, por artes diabólicas, o segredo de alguns tesouros, como o de fazer a “pedra filosofal”.

No restante do processo o Livro é referido como sendo a *Clavícula Salomonis*, o Grimório, o nome dado ao livro de magia que o feiticeiro usa.⁶ Então, o Livro em posse de João Baptista Laroca era um escrito de magia cerimonial, atribuído a autoria ao Rei Salomão. Algo que não é real uma vez que sabe-se por indícios históricos que fora escrito por volta do século XII da era comum, muito depois da era dos reis em Israel Antigo. (Clavícula de Salomão, 2006). Tal artifício era muito utilizado para dar mais autoridade aos escritos místicos. Mas, o livro contém, de forma escancarada a influência da Cabala. Uma vez que todos os seus rituais, seus símbolos zodiacais com seus planetas e arcanjos tem influencia direta da Cabala. O livro em posse de João Baptista Laroca contém a mesma descrição de rituais, gráficos com símbolos místicos, fórmulas mágicas e astrológicas.

Os denunciante descreveram o ritual que João Baptista Laroca teria protagonizado. Segundo eles, o réu executava a cerimônia lendo o livro, do qual não se recordava o nome, e em seguida proferia-se uma missa em nome do Espírito Santo, pondo ao lado do Evangelho um pergaminho no qual estivesse escrito o que cada um dos participantes desejava, havendo também um pouco de água benta do Sábado Santo e óleo dos enfermos.

É digno de nota que o rito, segundo a narração dos denunciante, requeria poucos materiais. Evidentemente não se tratava de um ritual difícil de ser executado por conta de seus aparatos. Em seguida, saía ao campo e, metendo-se no círculo com o livro na mão, lhe aparecia o demônio em forma de mulher, depois em forma de Leão e por último, de homem. A partir de então podia pedir o que quisesse que teria seu almejo atendido.

O segundo denunciante, Caetano Barrilaso, disse que a cerimônia era tão eficaz que todos que a praticavam conseguiam aquilo que pretendiam, e acrescentou que o círculo na terra era feito uma hora antes de amanhecer, assim como todos os procedimentos. E que o “demônio” apresentava-se para atender aos pedidos.

É possível inferir pelas acusações que para a perfeita execução do ritual havia dia, hora, vestes e símbolos precisos. O fato de ser celebrado uma hora antes de amanhecer pode significar, como sugere a Clavícula de Salomão, que aquele horário do dia é especial para a invocação de espíritos, ou outras forças intangíveis tais como os Arcanjos. Aquele seria o momento exato para que o seu poder fosse absoluto e, por consequência, o ritual seria melhor sucedido. Pois, existem as horas mágicas diurnas e noturnas. Se, por um lado, para fazer o

⁶VILAR, Mauro de Sales. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, RJ: Objetiva, 2001

ritual eram exigidos poucos materiais, por outro, os seus métodos e procedimentos eram extremamente complicados por conta do nível de detalhamento.

Adentrando na descrição dos rituais notamos cada vez mais transparente a influência cabalística. Da mesma forma que a Cabala, a *Clavícula Salomonis* expõe os arcanjos regentes de cada dia da semana. Seus nomes eram colocados dentro do círculo no qual o celebrante também se localizava. Os arcanjos regentes presentes no manuscrito são: Rafael, Gabriel, Samael, Miguel, Saquiel, Anael ou Haniel e Cassiel. Eles estão associados a um planeta regente e a um dia da semana. Cada um vem acompanhado de um nome oriundo da escrita usada somente pelos magos cerimoniais, que é baseada no idioma hebraico. Na verdade essa parte do *Clavícula Salomonis* aparenta ter sido integralmente copiada de Livros de Rabinos Cabalistas, observando que todos os seus elementos ritualísticos são provenientes da Cabala.

É bem provável que tais astros representados fossem o Sol, a Lua, Marte, Mercúrio, Júpiter, Vênus e Saturno; planetas que regem a vida humana, uma vez que o Sol e a Lua eram considerados planetas pela astrologia medieval. Assim, a *Clavícula Salomonis* se pautava na cosmologia segundo a qual a Terra era de fato o centro do Universo. E quanto mais distante fosse o planeta maior seria o nível dos espíritos que o regiam e mais influentes seriam sobre a realidade humana. É interessante notar que esses mesmos planetas aparecem na Cabala Prática como Signos Zodiacais, utilizada para um aprofundamento nos estudos acerca da *Otz Chiim*, a chamada Árvore da Vida (FIELDING, 2010). Os símbolos zodiacais, que são baseados nos sete planetas e nos símbolos alquímicos do Ar, da Terra, do Fogo e da Água constituem uma série de 22 (vinte e dois) símbolos. Nessas tradições considera-se a Árvore da Vida como um glifo que é constituído pelos mesmos 22 (vinte e dois) caminhos que interligam às *Sephirot*, as esferas que simbolizam emanções diferentes da realidade, ou seja, cada caminho simboliza a mudança de passagem entre uma dimensão da realidade e outra. A *Clavícula de Salomão* e a Cabala comungam de uma idéia em comum, de que a realidade não se apresenta como de fato é. Existem forças invisíveis que regem, que governam o nosso mundo.

Existe na Magia Cerimonial do manuscrito encontrado com João Baptista Laroca espíritos lunares, solares, jovianos, venusianos, mercurianos, saturnianos. Cada Espírito habitando um céu de seu astro quando é invocado, precisa ser no dia correto, na hora correta e com os símbolos, os selos, os caracteres, as letras divinas e conjurações apropriadas para o encantamento mágico. Todo astro também tem o seu Arcanjo particular com o qual o mago necessita entrar em sintonia. Tais símbolos e ritos são ricamente descritos no processo.

A Magia Cerimonial e o livro Clavícula de Salomão tem sua origem na Cabala, isso não é nenhuma novidade para os estudiosos do ocultismo ocidental. Porém, o que mais chama a atenção é o fato de um cristão-novo ter em posse um grimório tão conhecido e com tanta influencia hebraica. Observando somente esse caso posso afirmar que todos os envolvidos no processo do cristão-novo aqui analisado praticavam a Cabala por meio dos grimórios. As comprovações foram colocadas e explicitadas acima. Seria uma das formas da Cabala e do criptojudaísmo resistir.

5. Padre Antônio Pimentel Freire

O Padre Antônio Pimentel, morador da Vila de Serpa havia sido denunciado pela freira Dona Joana de Noronha e levado aos cárceres em 2 de Dezembro de 1648. Começará aí um processo que descreve uma trajetória tão nebulosa quanto qualquer outro processo inquisitorial. O que é incomum nesse processo é a presença de um cristão-novo, padre, que faz feitiços a serviço da nobreza.

D. Joana de Noronha afirmou que Antônio Pimentel pertence ao Hábito de São Bento de Avis, ordem religiosa com muito prestígio em Portugal. Na denúncia fica clarividente a relação do Padre com a alta nobreza, e também com algumas personalidades de menor importância na hierarquia social, sendo o caso do escrivão Manuel de Pina da Cunha. Segundo o relato tratava-se de um clérigo de quem o Rei tinha muita confiança e era respeitado na corte.

No tribunal contou que a marquesa de Cascais teve notícias do Padre através de um caso que aconteceu em Castela. Por intermédio de algumas pessoas soube que o Padre Antônio Pimentel Freire quebrou um feitiço lançado ao nobre Dom Fernando de Faro, filho do Conde de Vimieiro. Dom Fernando estava se sentindo mal graças a uns feitiços que sua sogra lhe fizera e como o Padre estava residindo em sua casa, disse ao senhor castelhano que podia remediar a situação e quebrar o feitiço.

Tratam-se dos contra-feitiços, ou seja, rituais muito conhecidos na Europa para quebrar o efeito de feitiços e em alguns casos até devolver o mal causado (Mello e Souza, 1986). Durante o processo o Padre confessa o seu envolvimento com a marquesa de Cascais.

O clérigo confessou que foi ao chamado da marquesa de Cascais mesmo sem a conhecer. Os feitiços de amor, os chamados sortilégios seriam feitos a pedido da jovem

Barbara Estefânia de Lara, que havia declarado que “padecia grandes trabalhos com o marques seu marido o qual viera de França enfeitado, e trouxera um familiar, e queria que o dito clérigo lhe desse remédios”.⁷ A partir de então é que começam os feitiços. Ao que tudo leva a crer era que Barbara Estefânia de Lara notou que o marido voltou da França enfeitado amorosamente. Desconfiava de um possível romance do marquês em terras francesas, e por isso, pediu os serviços do clérigo.

Dona Joana de Noronha, descobriu o que se tramava quando o clérigo havia lhes comunicado que a marquesa lhe mostrara uma trança de cabelo do marques afirmando que fazia parte do sortilégio. Em seguida, Dona Joana entregou todos os escritos para o tribunal da inquisição, desde as suas cartas trocadas com o frade até um escrito enviado para o marques e com a resposta deste. Ainda foi comunicado ao tribunal da Santa Inquisição que o clérigo lhe dissera que havia andado por Itália e que possuía um caderno debaixo da terra na qual estavam muitas coisas de feitiçaria, e que não usava por doze anos.

Iniciando uma análise aprofundada sobre o caso, posso afirmar que os sortilégios, assim como as ciências divinatórias em Portugal tiveram um grande crescimento de adeptos devido, primeiramente, ao antissemitismo que provocou o refúgio em massa de judeus no país. E segundo, devido a demanda que havia na sociedade lusitana de tais artes, principalmente, para assegurar a boa orientação nas navegações, na previsão de catástrofes e no futuro dos reis. Prever instabilidades militares, econômicas e políticas era de suma importância para a sociedade renascentista da época. (CAPELO, 1994, p51). Capelo afirma que as artes divinatórias em Portugal aumentaram consideravelmente com a chegada dos cristãos-novos (CAPELO, 1994). Uma relação de proporção direta entre a chegada de judeus e o aumento da magia faz alusão também ao serviço que estes cristãos-novos prestavam aos nobres de sua época. O Padre Antonio Pimentel Freire não é uma exceção de seu tempo e muito menos tais fatos são exclusividade da Península Ibérica.

A relação entre o ocultismo e a política alcançou até a França do século XVII. Maria de Médici, por exemplo, tinha “uma irmã de leite, amiga íntima e conselheira, afeita às práticas mágicas.” (GALLI, 2008, p.15) Essa mulher chamava-se Eleonora Galigai e foi ela quem apresentou o cardeal à Maria de Médici. Richelieu mantinha relações com o séquito de Maria de Médici que era composto também por magos ligados à tradição da família real, e essa tradição foi mantida no Reino de Luís XIII, quando o mago real atendia pelo nome de

⁷Processo do Padre António Pimentel Freire - 12/03/1647 - 06/06/1648 - PT/TT/TSO-IL/028/03810.

Tommaso Campanella (GALLI, 2008, p. 27). Com todos esses indícios, podemos afirmar que a cultura esotérica, ou ocultista fazia parte da consulta dos grandes nobres e dos reis.

É isso que acontece em certa medida com o caso do Padre que estamos analisando. Um Padre que faz sortilégios a pedido de Barbara Estefânia de Lara que pertencia a alta nobreza de Portugal. E que já era muito conhecido por seus serviços aos nobres. A sua época era o final da Guerra pela Restauração portuguesa, e alguns membros da Inquisição sendo inimigos de D. João IV não poupou esforços para prender os seus colaboradores cristãos-novos (NOVINSKY, 1992). A resposta de D. João IV ao chegar ao poder foi publicar o Alvará sobre a isenção dos confiscos. Mediante isso o Santo Ofício apela ao Papa intervindo em 1653 junto as Cortes para que o alvará fosse revogado, e não obtiveram o sucesso. (NOVINSKY, 1992). A Inquisição havia sofrido grande golpe em seu alicerce, pois, o seu principal reduto de angariação de bens havia sido cortado.

No entanto, devemos tomar o máximo de cuidado com algumas generalizações a respeito da Inquisição nesse período. Como salienta a inquisição não agiu como um bloco coeso e nem sempre as relações entre o Santo Ofício e o Rei D. João IV foram difíceis. Houve quem pendesse para o rei da Espanha e quem se aliasse ao rei português. Existiu alianças que ficaram ao lado de Felipe IV como os inquisidores de Évora António da Silveira e de Lisboa Álvaro de Ataíde. E existiu pactos firmados a favor do novo rei da dinastia de Bragança como os inquisidores de Lisboa Pantaleão Rodrigues Pacheco e Diogo de Sousa, e o inquisidor do tribunal de Évora Francisco Cardoso de Torneo e até dominicanos do Santo Ofício como Tomás Aranha ou Domingos de São Tomás defenderam a ascensão do novo rei com sermões . (MARCOCCI; PAIVA, 2013).

A inquisição, visto a adesão de alguns inquisidores ao novo rei, era social e politicamente heterogênea e esteve dividida durante o tempo da restauração não agindo para combater a nova dinastia como afirmou Anita Novinsky em sua obra prima Cristão Novos na Bahia (1992).

Mesmo sendo o governo da Dinastia de Bragança e tendo envolvimento com os nobres, nada disso foi suficiente para poupar o Padre dos cárceres da Inquisição. Sofreu algumas penitências mas saiu vivo do julgamento do Santo Ofício de Lisboa.

6. Felipe Cerveira

Em Lisboa, ano de 1577, o temido cárcere da Santa Inquisição abriga um homem acusado de feitiçaria, cristão-novo e envolvido com as altas cortes da Espanha. O que difere este caso do processo do Padre Antonio Pimentel Freire seria, além da distinção da época, o messianismo.⁸

Felipe Cerveira é descrito como um “cavaleiro fidalgo da casa de El Rey”, ou seja, pertencia a nobreza portuguesa. Uma prova de que os cristãos-novos conseguiram adentrar em todas as camadas da sociedade nos domínios de Portugal. (PORTELA, 2006) O fato é que enquanto estava preso por feitiçaria foi encontrado em suas posses pelo alcaide Gregorio Ferreira, alguns escritos em uma toalha e outro em pedaços de papel. O conteúdo das cartas se referia a uma mulher chamada Dona Ana e a um Frei denominado Frei Miguel. Fazia menção a um tipo de feitiçaria há muito tempo conhecido entre os portugueses que eram as cartas de tocar. Tratava-se também de um tipo de sortilégio. Mas os feitiços de amor não é o que mais chama a atenção nesse processo. O que mais chama a atenção é o messianismo criptojudeu aliado à Cabala. Segundo o próprio Felipe Cerveira, a promessa da vinda de um messias começou quando consultou um astrólogo e este lhe disse que o advento messiânico estava próximo. A astrologia é um dos pilares da Cabala Prática, dela é que se originou o signo zodiacal como já vimos no processo de João Baptista Laroca.

O messianismo é uma das manifestações judaicas que ganharam impulso com a expulsão dos judeus da Península Ibérica e a posterior perseguição dos seus descendentes. Foi o caso que aconteceu no século XVII de Sabbatai Sevi onde o messianismo aliado a Cabala tornou-se clarividente.

Sabbatai Sevi seria aclamado pelos judeus no exílio e por alguns cristãos-novos como um Messias “Místico”, iniciando um movimento que iria dividir a sociedade judaica. Havia nascido em Esmirna mas segundo consta dos relatos retirados dos seus seguidores, os sábios e os rabinos, o haviam descoberto em Jerusalém.

Construiu-se uma narrativa fantástica em torno de sua personalidade que o tornava mais convincente para os judeus e cristãos-novos. Foi propagado de que ele pertencia a Tribo de Davi, de onde deveria sair o Messias aguardado. Conta-se seus seguidores que foi “descoberto” pelos “sábios” e “rabinos” na cidade de Davi, ou seja, Jerusalém. Além de ser

⁸Processo de Felipe Cerveira – 19/09/1577 – 02-12-1577- PT/TT/TSO-IL/028/12113

entronizado pelos anjos e ser auxiliado pelos profetas Moisés e Elias. Esses atributos autenticavam e legitimavam Sabbatai como um Messias em meio aos judeus que viviam na bacia do mediterrâneo e serviu para aumentar o seu séquito. Não demorou para que as autoridades espanholas e portuguesas passassem a ter receio de que os rumores de um Messias chegassem aos cristãos-novos (TAVIM, 2007).

Para o mundo cristão-novo, os rumores da chegada de um Messias significava o fim de todo o martírio da perseguição promovida pelo Santo Ofício. Trazia a poderosa mensagem religiosa de um novo Reino que começaria a ser instaurado, uma monarquia messiânica que começaria no Império Turco-Otomano e se espalharia pela Europa, inclusive a Península Ibérica. Era o fim de todo o sofrimento e o início de uma era gloriosa para os adeptos do criptojudaísmo, seria o início de uma era que há muito havia sido esperada.

Quando o Paxá de Jerusalém reconheceu Sabbatai Sevi como Messias e avisou que o sultão da Turquia o aguardava para lhe entregar o Império. Houve uma grande efervescência e júbilo entre seus seguidores. Infelizmente para estes o sonho do advento de um Messias durou pouco. Em 1666, quando Sabbatai Sevi e seus adeptos chegaram a Istambul e estavam perante o sultão Mehemed IV, foram obrigados a se converterem ao Islamismo para salvar suas vidas e Sabbatai Sevi adotou o nome de Mehmed Effendi. Estava acabado para a grande maioria dos cristãos-novos o sonho de um Messias (TAVIM, 2007).

O que chama a atenção é a participação de alguns cabalistas no movimento de Sabbatai. Temos os cabalistas Moshé Pinheiro e o marrano Abraão Miguel Cardoso que estando na comunidade judaica de Livorno tomaram conhecimento do movimento e se tornaram Apóstolos. Foi inclusive a ação de um outro cabalista, chamado Natan de Gaza, que teceu uma explicação mística judaica para a apostasia de Sabbatai. Afirmando que o Messias deveria descer para as profundezas das forças malignas (neste caso simbolizando o Islamismo) para combater e vencer triunfantemente o mal. Natan propagou esta mensagem em Livorno na Península Itálica e junto com Abraão Cardoso considerou os atos de Sabbatai perante o sultão como componente dos Mistérios Messiânicos, porém, que não deveria ser imitado. Existiram aqueles que no entanto, mergulharam numa atitude radical de criar um grupo pseudo-muçulmano para seguir os passos do suposto Messias. Trata-se do grupo endogâmico chamado de Doehmens (TAVIM, 2007). Aprofundar-se mais nesse tema seria fugir do assunto proposto. O que importa para o presente artigo é o fato de que importantes cabalistas encabeçaram o movimento quando este se arrefeceu, e sendo assim, não seria exagero afirmar que havia mensagens provenientes da Cabala na construção da divindade de Sabbatai.

6.1 A Cabala no exílio e sua implicação no caso de Felipe Cerveira

O próprio Gershom Scholem (1978) afirma que logo após a expulsão dos judeus no final do século XV a Cabala tornou-se mais messiânica e aproximou-se das camadas mais populares. E para isso utilizou-se em Safed, na Capital da Religiosidade judaica de sua época, na propagação de novos rituais que expressando aspectos místicos encontravam aceitação imediata na mente popular. A cabala, ao desnudar o aspecto mítico dos rituais por meio do misticismo, ofereceu as camadas populares uma maneira de seguir os dogmas ressignificando seus alicerces. Desde o início a Cabala caracterizou-se do restante do judaísmo por sua revivência do mito. Outras correntes judaicas estavam preocupadas com a pureza do conceito de Deus, sendo guiadas na direção de uma filosofia e racionalidade grega. Para “purificar” o conceito de Deus era necessário desfazer-se do mito e das imagens antropomórficas encetadas na religião. Isso implicaria em acabar com o significado das expressões populares da religiosidade judaica, em esvaziá-los gradativamente.

A Cabala vai fazer pleno uso dos mitos e símbolos antropomórficos por compreender que quanto mais esvazia-se das imagens mundanas menos se pode explicar a respeito de Deus. O que faz Deus permanecer vivo na mente de um adepto de uma religião seria justamente as formas imagéticas que O representa em alguma parte do mundo humano. Como bem expressa Scholem:

O que faz Dele um Deus vivo na mente de um crente é exatamente o que O envolve em alguma parte do mundo humano e o que o torna possível ao homem vê-Lo, face a face, num grande símbolo religioso.
(SCHOLEM, 1978, P.107)

Reformular o sagrado apenas em termos racionais faz fazer o próprio divino decrescer, diminuir ou até mesmo desaparecer. Faz parte do humano relacionar divindades com elementos terrestres e as camadas populares apenas compreendem a ideia de Deus dessa maneira. Por esses motivos a Cabala vai se popularizar cada vez mais entre os judeus da Península Ibérica e seus descendentes sejam eles da Diáspora do Mediterrâneo ou da Diáspora Atlântica. Estudar processos inquisitoriais para detectar a presença da Cabala seria observar os símbolos que estão inerentes em cada ritual observando seu valor mítico. Na Cabala apenas a partir de símbolos é possível adentrar nos segredos divinos. E em todos os processos aqui analisados a simbologia cabalística se faz presente de diferentes maneiras dentre os criptojudéus.

Posso afirmar com certa propriedade que essa natureza da Cabala permitiu que ela fosse a mais flexível dentre as religiosidades judaicas em momentos de perseguição. Os três processos aqui analisados configuram três formas distintas de uma mesma religiosidade. O uso das imagens irá ser feito desde o iniciante na arte da Cabala até o adepto que está em níveis mais elevado. E o criptojuídeu irá utilizar de suas simbologias para esconder sua verdadeira religiosidade. O casamento entre o criptojudáísmo e a Cabala parece pela lógica ser bastante plausível e o mais adequado.

A Cabala concede brechas para a heterodoxia dentro da ortodoxia. Os cabalistas sempre procuraram reinterpretar e transformar a autoridade religiosa. As experiências místicas apresentadas nesses processos parecem se encaixar perfeitamente na natureza conservadora e ao mesmo tempo heterodoxa da Cabala. A experiência do cabalista é amorfa. Isto é, quanto mais profunda é a sua meditação com relação ao Sagrado, mais difícil é a sua explicação objetiva. Pois, o sujeito e o objeto confundem-se em suas experiências. No momento em que o cabalista tenta descrever a sua experiência, tornando-a clara e racionalmente entendível ele faz uso de conceitos e símbolos que já são inerentes a religião (SCHOLEM, 1978).

No caso de João Batista Laroca há o relato de um ritual que segue os mesmos procedimentos e conceitos de rituais descritos nos livros da Idade Média. Um exemplo dado foi o Clavícula de Salomão. No entanto, notamos certas modificações com relação a alguns astros e a finalidade do ritual. A sua interpretação já havia sido transformada. O relato de seus rituais sempre conceituados de acordo com a religião tradicional, não fazendo uso de outra forma visto que seria impossível os denunciante usarem conceitos alheios a sua própria cultura. E até mesmo o grimório que ele carregava usava de termos e símbolos há muito tempo conhecido pela mística judaica.

Todas as religiões modificam-se com o tempo, basta observar a obra prima de Karen Armstrong(1998) ao observar que a visão de Deus se modifica com o passar dos anos. Não observamos o divino da mesma forma que nossos antigos pais. Para isso a autora cita a própria Bíblia e como os livros sagrados vão demonstrar maneiras diferentes de tratar com Deus, resultante da maneira diferente de cada época observá-lo. Deus é observado de maneira mais guerreira e libertadora no Livro de Êxodo e de forma transcendental no Livro de Juízes, e de maneira um tanto amorosa e protetora nos Salmos de Davi.

A mudança da crença pode ser observada em qualquer religião. Entretanto, o que diferencia a Cabala e a mística de uma maneira geral é que essas mudanças são vistas como naturais. Pois, o cabalista vê a experiência mística como não apenas naturalidade, mas até

mesmo como essencial ao desenvolvimento do seu iniciado. Está na natureza do pensamento cabalista ser revolucionário dentro do conservadorismo religioso.

Como salienta Charles Fielding (2010), os dogmas dentro da Cabala são relativizados pela experiência. Descreve que dentro da experiência mística na Cabala constroem-se hipóteses, e essas são aceitas quando colocadas em prática e provada a sua eficiência. No entanto, essa mesma hipótese poderá ser mudada ou até mesmo substituída pela experiência mística posterior. A ortodoxia é flutuante dentro da Cabala e posso arriscar dizer que ela mesma não existe. Fielding (2010) chega a afirmar que dogmas dentro da Cabala são inexistentes. E o israelense Gershon Scholem (1978) afirma que historicamente é difícil identificar um dogma que foi seguido por todos os cabalistas, o que definiria a Cabala seriam procedimentos a serem seguidos que teriam o mesmo raciocínio, o mesmo molde, sendo alimentados por correntes de pensamento vindas do Oriente. Isto é, o esoterismo, o gnosticismo e correntes advindas do judaísmo antigo.

Focando no messianismo declarado de Felipe Cerveira. Este afirmava que estava para vir um Rei (em algumas partes do processo se refere como príncipe) de origem espanhola que seria o principal estandarte do cristianismo, no qual todos os cristãos da terra se uniriam ao exército deste grande monarca. Mais uma vez vemos aqui a pregação de uma era gloriosa. E todos os outros reinos da terra incluindo o reino turco iriam prestar obediência a este príncipe. E fala que:

Os quais lhe diziam que avia de vir este príncipe e monarqu a qual avia de ser de nação espanhol e nam lhe diziam em que parte estava este príncipe monarqu mas somente lhe diziam que avia de ser acompanhado de grandes exércitos de gentes que todos aviam de ser cristãos as quais gentes eram desconhecidas de nós e que na parte donde estás gentes aviam de vir se faziam grandes armadas para irem buscar este príncipe e monarqu da igreja e que este monarca o primeiro lugar a que portaria seria em Portugal ...
(Processo de Felipe Cerveira – 19/09/1577 – 02-12-1577- PT/TT/TSO-IL/028/12113)

Não posso afirmar que o termo de “nação” se refere ao cristão-novo, mas posso afirmar que o messianismo coadunando crenças judaicas e cristãs é comum entre os cristãos-novos. Vemos vários cristãos-novos anunciarem a vinda de um Messias como David Reubeni que defendia um reino judaico do Oriente, ou, como Diogo Leão de Costanilha, Antônio Valença e Luís Dias, o alfaiate de Setúbal e dentre outros citados pela historiografia. Mas o mais importante cristão-novo a anunciar o Messias foi pego pela Inquisição apenas trinta e seis anos antes de Felipe Cerveira. Trata-se de Gonçalo Annes, de alcunha Bandarra.

Bandarra profetizava a chegada de um Rei Messiânico em Portugal. “Profetizava a chegada de um rei Encoberto no Reino para fazer Portugal a cabeça de um império cristão na terra.” (GRINBERG, 2005, P. 91)

A importância dos escritos de Bandarra foram essenciais para o surgimento da crença no sebastianismo em Portugal e em suas colônias. Crença que nasceu depois do desaparecimento do Rei jovem e celibatário de Portugal, Dom Sebastião na batalha de Alcácer Quibir, em Agosto de 1578. Na fatídica batalha desapareceram também dois xarifes (trata-se de um nobre da família real) marroquinos. (GRINBERG, 2005, P. 91). As trovas de Bandarra acabou arraigando nos portugueses um sentimento nacional e religioso ao mesmo tempo. Todos os cristãos-novos aqui citados viveram no século XVI e uniram o sentimento nacionalista ao sentimento religioso da volta do Messias. É fácil perceber que todo Messias anunciado tinha a imagem de um invencível e imponente chefe de estado. Sempre tratava-se de um monarca que iria guiar o seu Reino e submeter outros príncipes ao seu poder. Um monarca que personificava a divindade inflamando ainda mais o nacionalismo português ou espanhol. O messianismo cristão-novo serviu ao nacionalismo ibérico. E com Felipe Cerveira não foi diferente.

O messianismo português sofre grande influência da Cabala. O Messias conclamado logo após a expulsão da Península Ibérica, e durante a perseguição da Inquisição como uma entidade que irá unificar todos os reinos da terra sob a sua égide. Uma entidade restauradora e unificadora. Essa entidade de acordo com os vários arquivos inquisitoriais e documentos primários da era moderna, poderia ser Restauradora de um único Império como no caso de Pedro Hates Hanequim, ou até mesmo da humanidade inteira como no caso de Sabbatai Sevi. Segundo Capelo (1994) a fuga dos judeus da Espanha para Portugal, fez aumentar nesse último país as práticas esotéricas e messiânicas como uma forma de explicar a recente tragédia histórica que se abatia sobre o povo judeu.

Por vezes para os cabalistas que viveram naquele tempo o exílio é configurado como um sentido simbólico, a quebradura dos vasos referentes a dispersão da *Shehiná*. Trata-se de uma interpretação bíblica na qual a queda do homem é vista como um ato de dispersão de todas as almas pelo mundo. A missão do homem seria lutar para que essas almas um dia fossem unidas novamente, a união das almas é chamada na Cabala de *tikun*. E o advento do Messias seria o estabelecimento na *tikun*, o nível final da união mística com Deus e com o cosmos. O Messias dentro da mística judaica torna-se um penhor da redenção em meio ao exílio. O exílio dentro da Cabala é transformado em uma Missão para que todos os que estão nela apressem a chegada do Messias por meio de seus atos. Mas o que importa saber aqui é

que por ocasião da perseguição ibérica a Cabala ganha novas interpretações e novos contornos acerca do advento tão aclamado do Messias.

Felipe Cerveira quer apressar essa redenção e almeja restaurar o mundo de maneira política. O Messias para Felipe Cerveira restauraria a terra unificando politicamente os reinos e impérios sob a sua égide. No entanto, não sabemos se Felipe Cerveira almejava de alguma forma algum tipo de *tikun*, algum tipo de restauração e união mística para com o Sagrado. Mas seria bem provável que caso houvesse seria escondido tal ideia dos inquisidores por motivos óbvios. Temor pela sanha inquisitorial.

O que podemos afirmar é que a Cabala e o messianismo estão presentes em Felipe Cerveira, além de toda o dissabor abatido em um exílio. Fazendo ele parte da efervescência messiânica cristã-nova por um messias cuja as causas já foram aqui explicitadas.

No dia quatro de Novembro de 1577, no intuito de escapar o mais rápido possível da sanha inquisitorial, Felipe Cerveira confessou os seus “crimes” sobre o criptojudaísmo e feitiçaria aliada ao messianismo. O seu criptojudaísmo ficou evidente ao declarar que não tinha crença na lei evangélica e sim na lei de Moisés, além de levantar a noite e rezar os Salmos do Rei Davi na sua janela, denunciando o seu próprio criptojudaísmo, o seu próprio judaísmo secreto. Sobre a nobre Dona Ana de Aragão e Frei Miguel que, provavelmente, residiam na Espanha não se tem mais nenhuma informação no processo. Cabe salientar que a sua presença nos rituais de magia judaica é digno de nota uma vez que Dona Ana de Aragão pertencia a nobreza e o Frei Miguel ao alto escalão da Igreja Católica. Como no caso de Sabbatai Sevi a Cabala pode muito bem ter sido usada para construir o messianismo (SCHOLEM, 1978). Uma vez que a Magia praticada pelos cristãos-novos tinha enorme probabilidade de ter natureza cabalística. Isso concede suporte a teoria de Roland Goetschel (2010) que afirmou que o conteúdo da Cabala foi modificado por ocasião da expulsão dos judeus na Península Ibérica. O desejo da vinda de um Messias vai perseguir ainda mais o pensamento místico. Em meio ao desespero e dissabores do exílio, irão ter o desejo de apressar a era Messiânica. Dentre esses desejosos encontramos Felipe Cerveira.

O messiânico fidalgo Felipe Cerveira faleceu no dia trinta do mesmo mês, a causa foi uma doença que o acometeu enquanto estava preso, e que pode ter sido agravado pelos maus tratos sofridos nos cárceres seja pela insalubridade e falta de alimentos ou as torturas que deve ter sofrido. Mas o que importa saber é que foram por demais amargos os últimos dias de vida deste criptojudeu que esperava o Messias Reinante, que aguardava melhores épocas.

7. Considerações Finais

A trajetória dos cristãos-novos é a História daqueles que tentaram apagar. Mas tudo que acontece deixa indícios e por esses indícios podemos afirmar que o cristão-novo que praticava secretamente o judaísmo foi uma realidade. O criptojudeu realmente existiu e contribuiu para a formação da sociedade luso-espanhola tanto em suas colônias quanto na metrópole. A partir dos processos estudados temos várias realidades difíceis, e até arrisco dizer que são impossíveis de negar. Como o messianismo do cristãos-novo, uma prova que mesmo tendo abraçado a religião católica cristã continuava com sua raiz judaica. Ou então o envolvimento de nobres nas práticas criptojudais que sobreviveram mediante as garras inquisitoriais.

Uma outra realidade inegável no seio do criptojudaísmo foi a Cabala. O misticismo sempre foi uma constante na vida de grande parte dos criptojudeus. A Cabala tomou outros formatos, passou a ter rituais que eram uma verdadeira miscelânea entre o judaísmo e o cristianismo, onde fica difícil dizer onde começa uma e termina a outra crença. Passou a ser praticada pelas mais diversas pessoas e ganhou a simpatia de várias camadas da sociedade. A Cabala, a magia judaica manteve-se viva devido a ação de cidadãos comuns como João Baptista Laroca, homens religiosos como o Padre Antonio Pimentel Freire e até fidalgos respeitáveis e de grande prestígio social como Felipe Cerveira. Todos estes contribuíram para a sobrevivência de uma das formas mais intrigantes de criptojudaísmo e todos estes passaram por aflições e encararam, cada um a seu modo, o processo inquisitorial, os licenciados pelo Santo Ofício.

Estes homens acabaram contribuindo para o aumento da concepção de tolerância que a humanidade deve buscar, compreendendo que o mundo é uma pluralidade e que a liberdade de pensamento deverá sempre existir como direito natural. Se referindo também a Izaque de Castro que em Portugal disse aos inquisidores em 22 de outubro de 1646 que “a liberdade de consciência é um direito natural” do homem. (MORIN, 2006, p. 32) A concepção de liberdade é aprofundada devido à experiência cristã-nova.

Referências

Fontes Primárias

Processo de João Baptista Laroca - 20/05/1724 - 30/10/1724 - PT-TT-TSO/IL/28/3319.

Processo do Padre António Pimentel Freire - 12/03/1647 - 06/06/1648 - PT/TT/TSO-IL/028/03810.

(Processo de Felipe Cerveira – 19/09/1577 – 02-12-1577- PT/TT/TSO-IL/028/12113)

Referências bibliográficas

BRAUDEL, Fernand. **O Mediterrâneo e o Mundo Mediterrânico na Época de Filipe II**. 1º Volume, 2ª ed. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1995.

BURCKHARDT, Jacob. **A Cultura do Renascimento na Itália: Um ensaio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

CAPELO, Rui Grilo. **Profetismo e Esoterismo: A Arte do Prognóstico em Portugal (Séculos XVII-XVIII)**. Coimbra: Minerva, 1994.

Clavícula de Salomão: As chaves da magia cerimonial / organização e apresentação Irene Líber – Rio de Janeiro: Pallas, 2006.

DURANT, Will. **A História da Civilização V - A Renascença**. Rio de Janeiro: Record, 2002.

FIELDING, Charles. **A Cabala Prática**. 8ª Edição. São Paulo: Pensamento-Cultrix, 2010.

GIORGIO, Galli. **O Poder Oculto que Governa os Mundos: o Esoterismo na Política Ocidental**. São Paulo: Madras, 2008.

GRINBERG, Keila. **Os Judeus no Brasil**. 1ª Edição. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2005.

GOETSCHER, Roland. **Cabala**. Porto Alegre: L&PM, 2010.

KAREN, Armstrong. **Uma História de Deus: Quatro Milênios de Busca do Judaísmo, Cristianismo e Islamismo**. São Paulo, Companhia das Letras: 1998.

HOUAISS, Antônio. VILAR, Mauro de Sales. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro, RJ: Objetiva, 2001.

NOVINSKY, Anita. **Cristãos Novos na Bahia: A Inquisição**. 2ª Edição. São Paulo: Editora Perspectiva, 1992.

MARCOCCI, Giuseppe; PAIVA, José Pedro. **História da Inquisição Portuguesa**. Lisboa: A Esfera do Livro, 2013.

MELLO E SOUZA, Laura. **O Diabo e a Terra de Santa Cruz**. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

MORRISSON, Cécile. **Cruzadas**. 1ª Edição. Porto Alegre: Editora L&PM, 2009.

MORIN, Edgar. **O Mundo Moderno e a Questão Judaica**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

SILVA, Marcos; ANDRADE, Caroline Acioli Oliveira Andrade; SANTOS, Clésia de Santana; SANTOS, Genisson Melo dos; BISPO, Ísis Carolina Garcia. **A Cabala e a Cultura Criptojudáica na Diáspora Atlântica dos Sefarditas**. Revista Brasileira de História das Religiões. ANPUH, Ano IV, n. 12, Janeiro 2012. Pág. 237- 252.

SIQUEIRA, Sonia Aparecida de. **A Inquisição portuguesa e a sociedade colonial**. São Paulo: Editora Ática, 1978.

SCHOLEM, G.G. **A Cabala e o seu Simbolismo**. 2ª Edição. 3ª Reimpressão. São Paulo: Perspectiva, 2012.

VAINFAS, Ronaldo; SOUZA, Juliana Beatriz de. **Brasil de todos os santos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2002.

VIEIRA, Fernando Gil Portela. **Análise historiográfica da Primeira Visitação do Santo Ofício da Inquisição ao Brasil (1591-1595)**. In. História, Imagem e narrativas. Nº2, Ano 1. Abril/2006. Pag. 45-70.

TAVIM, José Alberto Rodrigues da Silva. **Revisitando uma carta em português sobre Sabbatai Zvi**. In. Sefarad. Vol.67.Ano 1 Janeiro-Junho de 2007. Pag 155-190.